Carta de Lisboa

alinhavos

por GONÇALO NUNO

OS hotéis de que Lisboa necessitava, um a um foram nascendo no tabuleiro do seu cosmopolitismo; a estatura de edifícios que se impunha na Rotunda cá vai tomando forma; a valorização das poucas pinceladas de verdura que ornam a cidade é um facto; a «baixa» está já iluminada decentemente e, ao que parece, outras zonas se seguirão. Tudo isto é progresso, mas... Lisboa continua sem piscinas e sem armazéns condignos.

Lembrar-se a gente que Paris, só de piscinas públicas, conta, salvo erro, 27. E que dizer desses mundos maravilhosos que são os seus armazéns — Galeries Lafoyette, Printemps, Louvre, La Samaritaine — e dos Selfridge de Londres, do Sepú e do Corte Inglês de Madrid, e desse brinco que é o Jelmoli de Zurique! Mundos de tentação, de eficiência e de bom gosto.

Lisboa tem o Grandela e os Grandes Armazéns do Chiado: está tudo dito e sem querer dizer mal. O Grandela, vamos lá, de quando em quando lá tem um soluço de progresso, mete umas escadas rolantes e... por ali se fica, talvez com a consciência de que fica desobrigado para mais uma década... Mas o seu vizinho de cima não há modos de perder aquele seu ar de capelista de vão de escada. É uma tristeza tudo aquilo. O sopro da modernidade não consegue vencer as molas dos seus guarda--ventos.

Este aspecto de mediocridade dos nossos maiores armazéns é tanto menos incompreensível e tanto mais evidente quanto há hoje em Lisboa a febre das lojas bonitas — as que aparecem, as que se renovam, as que se alindam. O bom gosto educa-se, cultiva-se, contagia-se. Mas ali não há nada a fazer, estagnaram, não evoluiram.

Por muito que doa ao lisboeta, sob este aspecto o Porto tem uma palavra a dizer: a Camisaria Confiança que, muito embora mais exígua que os colegas de Lisboa, dá-nos a aproximação mais honrosa dos grandes armazéns estrangeiros que apontámos e, como eles, vive um clima europeu que os colegas de Lisboa teimam em não respirar.

DIZIA-ME, há dias, no meio de um *drink*, um americano agradável que, por razões profissionais, eu acompanhara ao Hotel Ritz:

«*Sabe, quando estou num hotel deste tipo — e conheço os melhores do Mundo — chego por vezes a não perceber bem em que país estou. Isto é o Savoy de Londres, o Nikatsu de Tóquio, o Waldorf de Nova Iorque, o Habana Hilton* (before

Continua na página 7

AVEIRO, 26 DE NOVEMBRO DE 1960 ★ ANO VII ★ NÚMERO 318

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ● ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ● REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 23886 — AVEIRO

JÚLIO DINIS e AUGUSTO SOROMENHO

pelo Dr. ANTÓNIO CHRISTO

I

O Prof. Doutor Egas Moniz escreveu o seguinte, a propósito do notável romancista de *As Pupilas do Senhor Reitor*: «Tinha um círculo muito limitado de relações. Os autores e os homens célebres do seu tempo não o interessavam, excepção feita de Herculano e de Garrett. Camilo e Ramalho Ortigão, por exemplo, que já marcavam no meio literário, não eram pessoas da sua simpatia».

Não restam dúvidas de que Júlio Dinis, embora não fosse exactamente um misantropo, era avesso a cultivar relações sociais e punha grande escrúpulo na escolha dos seus amigos. Ele próprio o confessou, numa carta dirigida a Custódio Passos: «Eu não tenho a qualidade, que admiro em certa gente, de apreciar a convivencia sejam quaes forem as pessoas com quem convivem; para mim só é realmente agradável a convivencia com pessoas muito intimas, com quem se esteja à vontade e despido de tudo que se pareça com etiqueta. Outra qualquer fatiga-me».

Eram, realmente, escolhidos os companheiros do festejado romancista. Sousa Viterbo confirma-o, ao falar do «grupo adorável» de que fazia parte Júlio Dinis — «um enternecido cenaculo, feito de bondade e de talento».

Ora Augusto Soromenho pertenceu à roda dos íntimos de Júlio Dinis, foi um dos seus melhores amigos — e neste só facto creio poder descobrir-se uma afinidade de sentimentos reveladora das qualidades morais, tantas vezes incompreendidas, do desafortunado aveirense.

Não sei como nem quando se iniciaram as relações entre ambos. Suponho, embora não possa garanti-lo, que a primeira referência escrita de Júlio Dinis a Augusto Soromenho é a da «carta litteraria» dirigida a Ramalho Ortigão e publicada no *Jornal do Porto*, em 25 de Fevereiro de 1863, sob o pseudónimo de Dianna de Avelleda. Ainda que, porventura, nada esclareça sobre o assunto que me propus, convém registá-la, por muito curiosa:

«... A minha ballada publiquei-a na *Miscelanea poetica*, vasto viveiro de poetas e poetisas que havia por aquelle tempo no Porto. Um critico de então, o qual V. S.ª hoje conhece muito bem, fez-me o favor de me prophetizar um auspicioso futuro litterario. O critico enganou-se, acontecimento vulgar nos criticos, assim como eu tambem me enganei com elle; pois agoirando-lhe igualmente pela minha parte, em vista das suas tendencias romanticas, a elaboração futura de dez volumes de poesias sentimentais, vinte dramas ultra-romanticos e ultra-historicos, etc., etc., vejo-o hoje todo entregue a estudos paleographicos, entre pergaminhos amarellos e monstruosos *in folios*, annotando e discutindo bullas e pastoraes e correspondendo-

Continua na página 7

NAU S. VICENTE

No pretérito domingo, e com a maior solenidade, realizou-se, nos Estaleiros Mónica, o «bota-abaixo» da NAU S. VICENTE.

A' cerimónia assistiram numerosas individualidades, entre elas se contando o sr. Ministro da Marinha.

Só na próxima semana nos é possível dar o merecido relevo ao relato do importante acontecimento.

Considerações sobre a ARTE CONTEMPORÂNEA

POR GASPAR ALBINO

«Jamais le grand public ne s'est intéressé à l'Art autant qu'aujourd'hui, et cette aspiration vers la beauté conduit à un rapprochement des peuples et à une meilleure compréhension mutuelle des civilisations.» — in *Catálogo da Exposição* 50 ANS D'ART MODERNE — *Bruxelas — 1958*

A despeito de todos as críticas mais ou menos azedas de senhores que gostam de acompanhar o seu café com «cheiro» duma conversozinha dita aprofundada, apesar dos gritos mais ou menos histéricos de meninas-bem que se sentem chocadas ao verem exposições, em lugares selectos, apesar de todos os ditos que pretendem ter chiste e que se proferem com um ar que se julga cínico ou superior, a verdade é que a ARTE CONTEMPORÂNEA, com a mesma razão com que se justificam teorias políticas, tem, no TEMPO, nos anos que passam e que fazem História, a principal base em que se poderá alicerçar a sua defesa.

Pois é verdade. O tempo que passa e que todos julgam constituir peneira do que é inútil e que remete para o esquecimento aquilo que não tem valor ou importância não conseguiu fazer desaparecer o movimento das correntes estéticas que originou a Arte destes últimos cem anos. Pelo contrário, a joeira do tempo só nos tem mostrado que há uma linha de rumo que é autêntica constante nesses movimentos artísticos: uma procura de novos valores plásticos, quer cromáticos, quer, mais pròpriamente, formais.

Como se sabe, o movimento designado por ARTE MODERNA teve a sua génese num grupo de artistas revoltados contra as insuficiências espirituais e formais do estilo demasiado sensual, demasiado em superfície, demasiado inconsistente, que se chamou IMPRESSIONISMO, se bem que esta escola tenha sido, verdadeiramente, a precursora de todas as que apareceram a seguir.

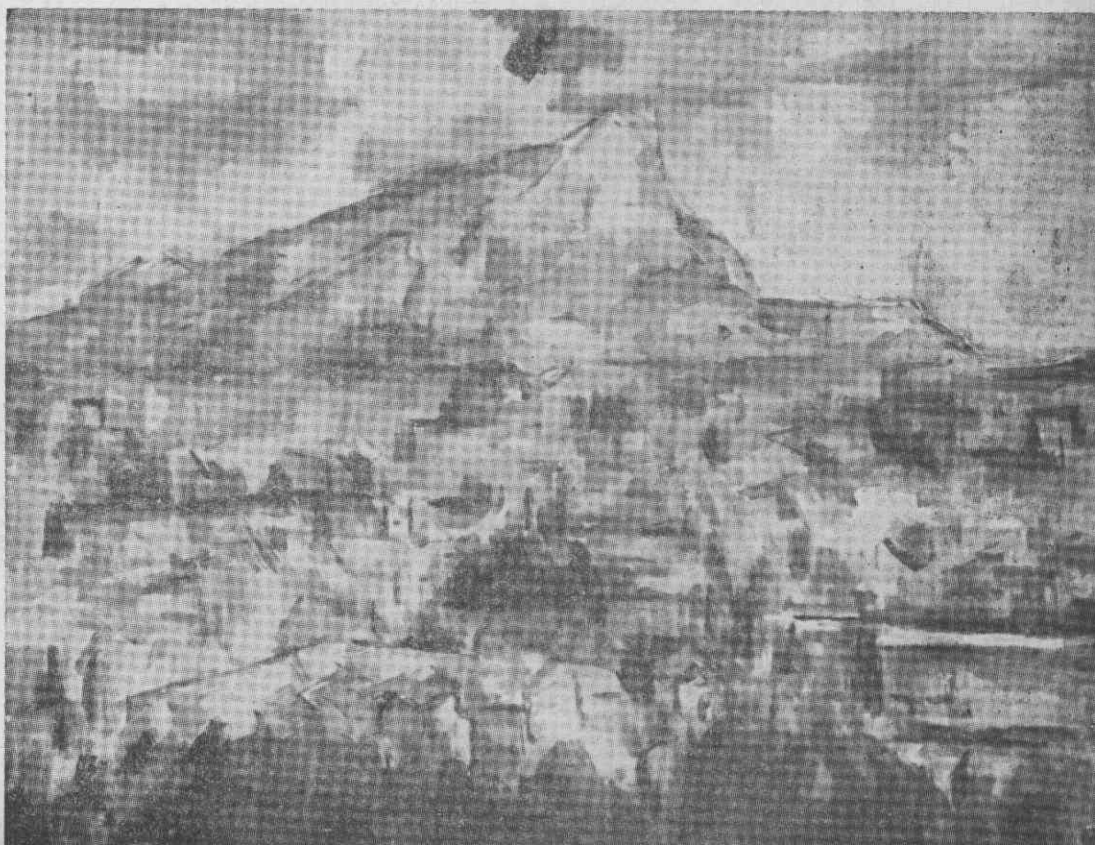
Do seio do LUMINISMO saiu um *Cézanne*, que se distinguiu pela estrutura e composição dos seus quadros; um *Seurat*, pela sensibilidade disciplinada; um *Van Gogh*, pelo sentido inexcedível do humano; um *Gauguin*, pelo seu poder de síntese simplesmente admirável; um *Maillot*, pela sua tendência clássica; um *Ensor*, pelo fantástico.

Quando se vê o quadro «LES NYMPHÉAS» pode-se verificar quanto o impressionista Claude Monet já tinha conseguido fazer no campo do obstracticizante. Assim como este, mais uma dúzia de espíritos excepcionais puderam franquear as portas do irreal, do fantástico,

Continua na última página

«La Montagne Sainte-Victoire» — obra de PAUL CÉZANNE, grande mestre do luminismo a quem tanto deve toda a ARTE de HOJE

DESPORTOS

Secção dirigida por António Leopoldo

FUTEBOL

II Divisão

Campeonato Nacional

COMENTÁRIO GERAL

Entre os encontros da nona jornada, avultou aquele que, em Oliveira de Azemeis, opôs os dois velhos rivais aveirenses — Oliveirense e Beira-Mar. De Aveiro, e em apoio ao *team* amarelo-negro, deslocou-se incontável multidão de sacrificados adeptos dos beiramarenses, que se serviram dos mais diversos transportes, apesar do mau caris do tempo, a fim de estarem presentes no *Campo de Carlos Osório*.

Ao cabo e ao resto, a Oliveirense logrou a almejada vitória, traduzida sòmente num golo solitário, nascido num lance bastante confuso. Mas esse tento chegou para vencer o Beira-Mar, já que os aveirenses voltaram a ser inoperantes na ofensiva. Aliás, se bem que um *nulo* sem golos estivesse mais de acordo com o *filme* do desafio, o triunfo dos oliveirenses não deixa de estar certo, na medida em que serve de castigo para a falta de remate dos beiramarenses.

Nos outros desafios, o melhor resultado coube ao Torriense, que foi empatar na deslocação que fez para jogar com o Feirense — de novo forçado a utilizar o recinto de S. João da Madeira. No resto, as vitórias couberam aos grupos visitados: é de referir a expressão numérica obtida pelo Castelo Branco e pelo Chaves, ante o Caldas e a Sanjoanense.

Outro facto saliente: novo inêxito dos marinhenses, que, outra vez, cederam a segunda posição ao Boavista, deixando-se, ainda alcançar pelos albicastrenses no terceiro lugar.

no 9.º DIA

C. Branco, 4 — Caldas, 1
Boavista, 5 — União, 1
Oliveirense, 1 — Beira-Mar, 0
Feirense, 2 — Torriense, 2
Chaves, 5 — Sanjoanense, 1
Peniche, 2 — Marinhense, 0
Gil Vicente, 2 — Vianense, 1

Sobretudo, faltaram remates!

OLIVEIRENSE, 1 — BEIRA-MAR, 0

NO tradicional *derby* aveirense — que este ano se rodeou de inusitada expectativa — assistimos a uma partida que entusiasmou e prendeu até final, dada a constante incerteza do desfecho do prélio.

E assistimos, ainda, a uma luta de dois sistemas, de duas diferentes formas de actuar. Enquanto que o futebol processado pelo onze de Alexandre Peics nos surgiu acutilante, prático e com capacidade realizadora, o estilo perfilhado pelos homens de Anselmo Pisa — sem dúvida mais bonito de ver-se, mais agradável e mais esquematizado — revelou-se, uma outra vez ainda, falho de penetração e sentido objectivo.

O futebol do técnico húngaro derrotou o futebol do técnico argentino, muito embora este último disponha de maior número de valores individuais: na realidade, vistos um por um, poucos dos titulares da Oliveirense teriam lugar no grupo de honra do Beira-Mar...

Os amarelos-negros dominaram durante maior lapso de tempo e comandaram, abertamente, a meio campo — passado que foi o inicial e já conhecido rompante a todo o gás dos azuis rubros de Azeméis. Todavia, os beiramarenses, ao longo de todos os 90 minutos, não chegaram a criar meia dúzia de situações de golo! E' bem pouco, sem dúvida — e aqui é que residiu a principal razão do inêxito de domingo: *na zona da verdade*, os dianteiros do Beira-Mar perdem-se em desnecessárias dobras e trocas de passes e como que *mentem a si próprios*, não atirando ao golo com a presteza e a oportunidade que se requerem. Há que rever este pormenor — importantíssimo, como é óbvio — de forma a colmatar-se a pecha de que a equipa enferma.

A vitória da Oliveirense é aceitável, na medida em que constitui um prémio e um castigo, respectivamente para os visitados e para os visitantes. Pensamos, no entanto, que uma igualdade sem golos diria melhor o que no jogo se passou — até porque o golo solitário que esmaltou a pugna (altamente correcta, o que importa e muito nos apraz salientar) surgiu de um lance confuso e pouco académico...

Referências individuais, merecem-nas, na Oliveirense, Pinho II, Valente e André. No Beira-Mar, o melhor foi, de longe, o *pequeno* médio Amândio. Depois, num mesmo plano, situaram-se Louceiro, Paulino, Jurado, Violas e Liberal (incerto nos primeiros lances) — todos ainda em bom nível. Miguel, Marçal e Laranjeira, se bem que esforçados, estiveram longe de atingir o rendimento desejável. Finalmente, surgem nos Correia e o argentino Diego, que, em boa verdade, não foram os arietes de que o Beira-Mar necessitava.

Registo do jogo

A'rbitro — António Calheiros. *Fiscais de linha* — Raul Martins (bancada) e Luís de Jesus (peão) — todos da Comissão Distrital de Lisboa.

OLIVEIRENSE — Ferdinando; Pinho I, Pinho II e Armindo; Júlio Pinto e André; Santos I, Branca, Valente, Janardo e Martins.

BEIRA-MAR — Violas; Louceiro, Liberal e Jurado; Amândio e Marçal; Miguel, Laranjeira, Diego, Correia e Paulino.

1ª parte: 1 0.

Golo — VALENTE, aos 32 m., pela Oliveirense.

O caso «Labruna»

FALTA DE BRIO? QUE CONVERSA!

NÃO somos, nem nunca fomos de partidarismos. Quando joga A ou B, é para nós mais ou menos indiferente, e só lhe podemos desejar boa sorte, para que jogue o melhor que pode e sabe, prestigiando, acima de tudo, as cores do Clube que representa.

Mas se dizemos mais ou menos, é por sabermos que nos quadros do Beira-Mar, uma ou outra substituição não causa problema de maior, bem entendido, até certo ponto.

Não somos de partidarismos — diziamos nós —, e se hoje vimos a estas colunas fazer a análise de um caso particular, é porque o julgamos de oportuno interesse para todo o desportista isento. Trata-se de Fernando Correia — é o *caso Correia*.

O popular «Labruna» começou a época a jogar mal. Os resultados da equipa, para mais, não satisfaziam inteiramente, e procurou-se a vítima. Procurou-se e encontrou-se. Foi fácil, cómodo, e até covarde! O eleito foi Correia. Veio de Tondela, da serra, por uns escassos quinhentos escudos; modesto e simples, talvez nem se importasse de ser a vítima... E tudo seria fácil. «O Beira-Mar perdeu por culpas do Correia» — foi *slogan* que correu de boca em boca, e só não foi cantado em fado porque a Mouraria está um pouco longe...

Correia lá foi para as Reservas, e diziam os fanáticos que nem para essa categoria ele servia. Era uma «nulidade», uma «nódoa», um «tolo»! Eram odiosos na classificação.

Mas, afinal, o «Labruna» foi substituído, e a coisa correu do mesmo modo, e no mesmo jeito...

O tempo passa — o Campeonato é longo — e a «nódoa», o «tolo», volta ao primeiro *team* por lesionamento de Garcia. Joga-se em Oliveira de Azeméis. A cidade acorda, e, numa demonstração de fé clubista, desafiando todas as intempéries, essa multidão anónima responde presente à chamada e invade Oliveira de Azeméis. Aveiro esteve em peso no *Campo de Carlos Osório*: «uma massa associativa que vale oiro» — no dizer dum amigo nosso.

Mas a equipa voltou a não corresponder...

Continua na página 6

O tondelense ainda rubricou alguns lances dignos de registo — pelo que foi com muita surpresa que tomámos conhecimento de ter sido castigado com uma multa de 250$00, *por demonstrar falta de brio desportivo!*

Chamem-lhe «tolo» ou «palerma», digam que «não presta» e que «não é inteligente» — que são opiniões que se respeitam, embora com elas não concordemos. Mas não o acusem, nem o castiguem — pelos motivos (?!) invocados! Assim, é de bradar aos céus, pela injustiça de que o castigo se reveste!

Continua na página 6

Da minha janela ...

A incerteza do tempo continua a afligir-nos assustadoramente. Claro que o bom tempo há-de voltar; mas receamos que venha demasiado tarde, principalmente para quem semeou na esperança duma boa colheita...

1 Dum modo geral, o amante do Desporto, mais pròpriamente do futebol, lê com avidez tudo quanto se relaciona com o Clube da sua simpatia. Às vezes, passa, também, um olhar pelo restante conteúdo do jornal e, não raro, encontra os maiores dislates que trazem, quase sempre, a assinatura inconfundível dos correspondentes locais. Isto acontece, normalmente, entre os noticiaristas desportivos que, aproveitando-se da liberdade que o jornal lhes concede, deturpam a verdade, num clubismo doentio, impróprio de quem tem a responsabilidade de informar o público pagante. Aliás, este procedimento não é de agora: trata-se, antes, dum costume velho-e-relho, pouco abonatório dos jornais onde a praga cai. Para nós, habituados como estamos à maior imparcialidade da parte dos correspondentes da cidade — no número dos quais pontifica a sereníssima autoridade e o exemplo de João Sarabando — causa-nos estranheza tal procedimento.

Ao público compete separar o trigo do joio e, neste caso, lamentar um correspondente desportivo que, no domingo, à tarde, não soube ou não quis traduzir com fidelidade o que se passou em Oliveira de Azeméis. O que vale é que pelo dedo se conhece o gigante...

2 *Segundo conta «O NORTE DESPORTIVO», em transcrição do «Jornal dos Sports» do Rio de Janeiro, um clube brasileiro, o Ponte Preta, de São Paulo, teria recorrido a tratamentos psicoterápicos, com o fim de tirar um melhor rendimento dos seus atletas.*

No nosso País, vulgarizou-se, para casos semelhantes, e cremos, até, que ainda não está posto de parte, o tratamento pelo meio da «chicotada psicológica». Em face, porém, dos resultados que o conceituado jornal nortenho anuncia, talvez fosse de tentar, entre nós, a psicoterapia, que tão bons resultados deu ao clube brasileiro e, ao que parece, aos Campeões do Mundo de 1954 — a Alemanha Ocidental. A não ser, evidentemente, que o remédio das «chicotadas», além de mais eficaz, saia mais económico e de mais rápidos efeitos...

3 Terminada a primeira volta do Campeonato Regional de Basquetebol, aparece-nos no topo da classificação, contando por vitórias os jogos realizados, a equipa do Galitos, logo seguida da do Beira-Mar. Estas equipas parecem de pedra e cal nos primeiros lugares, ficando agora um grupo, assaz numeroso, para decidir o terceiro lugar, que dará ingresso, como se sabe, no Nacional da II Divisão. De facto, Esgueira, Illiabum, Sangalhos, Sanjoanense e Águias do Cértoma podem aspirar àquela posição de que só o Cucujães parece irremediàvelmente afastado.

Vamos ter, sem dúvida, uma segunda volta animada. Oxalá ela decorra, como esperamos, de molde a propagandear o excelente desporto que é o basquetebol.

Xadrez de Notícias

Esta noite, em S. João da Madeira, realiza-se o encontro de andebol de sete Portugal-Espanha da fase preliminar do Campeonato do Mundo.

Por esse motivo, foi adiado o encontro de basquetebol Sanjoanense-Beira-Mar, que hoje deveria efectivar-se naquele recinto, a contar para o Campeonato Distrital.

O conhecidíssimo guarda-redes Orlando Ramin acaba de ingressar no Feirense, sendo possível que alinhe já amanhã contra a Sanjoanense.

Continua na página 6

Basquetebol

Campeonato Distrital da I Divisão

Com os encontros correspondentes à sétima jornada, concluiu-se a primeira volta do Campeonato Distrital, que indicará os três representantes da Associação de Basquetebol de Aveiro no Campeonato Nacional a que os clubes aveirenses têm acesso a partir da temporada finda: a II Divisão.

Nos encontros disputados na data inicialmente designada (a partida Sanjoanense-Sangalhos foi adiada para anteontem), venceram os grupos mais cotados: o Galitos, em Mogofores, frente ao Águias; o Beira-Mar, em Aveiro, diante do Cucujães; e o Esgueira, também em Aveiro, ante o Illiabum.

Conhecido já o desfecho do jogo Sanjoanense-Sangalhos, de que adiante damos os costumados apontamentos e indicamos o resultado, a classificação ficou assim ordenada:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Galitos	7	7	—	—	244-157	21
Beira-Mar	7	6	—	1	285 203	19
Esgueira	7	3	1	3	216-208	14
Illiabum	7	3	—	4	220 229	13
Sangalhos	7	3	—	4	248 229	13
Sanjoanense	7	2	—	5	222-259	11
Cucujães	7	2	—	5	152-239	11
A'guias	7	1	1	5	179-230	10

No começo da segunda volta, efectuam-se os seguintes: HOJE — *Galitos-Illiabum* (32-20), em Aveiro (Rinque do Parque), *Águias-Cucujães* (24 25), em Mogofores, e *Sanjoanense-Beira-Mar* (35-49), em S. João da Madeira. AMANHÃ — *Esgueira-Sangalhos* (24-26), em Aveiro (Campo da Alameda).

Águias, 25 — Galitos, 38

Árbitros: Carlos Neiva e Aureliano Silva.

ÁGUIAS — Oliveira, Sousa 1, Albano Louro 5, Pereira 9, Aurélio 10 e Pinto.

GALITOS — Albertino 4, José Fino 12, Hernâni 2, Artur Fino 5, Luís Rebelo 8 e Júlio 7.

1.ª parte: 9-13. 2.ª parte: 16 25.

Os mogoforenses conseguiram 11 cestas de campo e obtiveram 3 lances livres em 7 tentativas (42,85 %). Os aveirenses alcançaram 16 cestas de campo e transformaram 6 lances livres em 12 tentados (50 %).

Continua na página 6

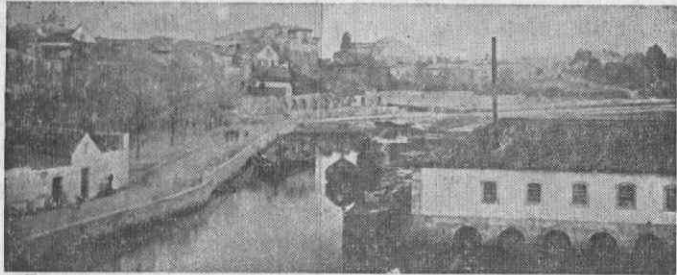
AVEIRO através de PERGUNTAS & RESPOSTAS

Continuação da última página

20 *Que era o Ilhote?*

★ O *Ilhote* era uma espécie de península, entre dois esteiros — o da Fonte Nova e um ao norte, que foi aterrado, e situado mais ou menos onde hoje existe a Rua de Bento de Moura.

Era um terreno inculto, com lagos e poças onde viviam milhares de rãs e se produziam silvas, bajunças, caniços e outros vegetais semelhantes. De configuração irregular, aqui alto, ali baixo, o *Ilhote* conservava lagoas permanentes, formados tanto pelas águas pluviais como pela invasão das da Ria.

José Ferreira Pinto Basto, dinâmico e empreendedor, comprou o *Ilhote* à Casa Barreto Ferraz e quis fazer nele moinhos que trabalhassem com a enchente e a vazante; fez construir para esse fim a casa que ainda hoje existe — e que, feito outro andar é onde se acha estabelecida a Capitania do Porto de Aveiro, — e desaterrou uma parte do *Ilhote* para formar a caldeira (isto nos anos de 1828 ou 1829). Por erros de cálculo, ou porque o edifício abateu, ficou a obra inutilizada e perdida a despesa,

que se dizia ter sido de oitenta mil cruzados ou trinta e seis contos de réis. Tentou-se, depois, aproveitar a caldeira para uma salina que chegou a ser construida, mas igual resultado deu esta tentativa, por ser insignificante a produção de sal, e este incapaz de entrar no mercado. Ficou tudo ao abandono.

Foi Mendes Leite quem — tendo comprado aos Ferreiras Pintos o *Ilhote*, assim como as mais terras que haviam pertencido aos frades de S. Domingos, e que José Ferreira Pinto Basto havia adquirido depois da supressão dos conventos — fez aterrar, a pouco e pouco, a caldeira, desde a casa dos moinhos até às casas da viúva de João Justino Gamelas, aproveitando para isso os entulhos resultantes das edificações e obras na cidade e os lastros dos navios.

O canal do Norte ainda ficou por alguns anos até defronte da viela do Rolão, sendo afinal suprimido quando se construiu a estrada do Americano.

X.

★ Trata-se do *Ilhote do Cojo*, que devido às causas indicadas pelo Dr. António Leitão, no seu bem elaborado «Aveiro e sua Laguna», de muito merecimento, passou sucessivamente pelas precárias fases de praia de junco e caniço, insolubre e improdutivo, aproveitando-se o seu aterro para a feira mensal dos 28 de cada mês, campo de jogos, exercícios militares, etc., e para onde se transferiu o Mercado de Manuel Firmino. Tem hoje, devido ao plano citadino de urbanização, boas construções.

Pouco resta já, do *Ilhote*.

L. V.

21 *Já houve em Aveiro alguma fábrica de tecidos de algodão?*

Em 1770, o Marquês de Pombal pensou estabelecer em Aveiro uma fábrica de tecidos de algodão, para o que mandou proceder a experiências; e, dado o seu bom êxito, logo ordenou a instalação fabril, o que teve lugar em 1775. Foi nomeado seu director João Baptista Locateli, um dos artífices que o Marquês de Pombal havia mandado vir de França, quando tentou a regeneração da nossa indústria, se indústria se podia chamar às 2 ou 3 fábricas que então possuíamos.

C. P.

PERGUNTAS

23 Lembra-se do naufrágio do «*Desertas*»? Como foi salvo este navio?

24 Existe em Aveiro uma fonte que foi conhecida por *Fonte de Benespera*. Sabe qual é?

25 O que foi a *Campanha do Lençol?*

26 Quando houve, pela primeira vez, luz eléctrica nas ruas de Aveiro?

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	MODERNA
Domingo	M. CALADO
2.ª feira	A L A
3.ª feira	AVEIRENSE
4.ª feira	SAÚDE
5.ª feira	OUDINOT
6.ª feira	MOURA

Comemorações do 1.º de Dezembro

★ Promovidas pelo Delegação Distrital do M. P., realizam-se em Aveiro, as seguintes comemorações do DIA DA MOCIDADE:

30 de Novembro — *A's 21 horas* — Velada, na Igreja de Santo António.

1 de Dezembro — *A's 10 horas* — Sessão solene no ginásio do Liceu Nacional de Aveiro, para distribuição de prémios e insígnias. *A's 10.30 horas* — Missa na Sé Catedral, celebrada pelo Assistente Distrital, Monsenhor Aníbal Ramos. *A's 14 horas* — Sessão cinematográfica, no ginásio do Liceu Nacional de Aveiro.

★ Para festejar esta data histórica e com o especial fim de desagravar o nome de Portugal, nesta hora tão gravemente ofendido, realiza-se, no dia 1 de Dezembro, uma jornada patriótica ao Paço de S. Marcos, nos arredores de Coimbra.

A excursão partirá de Aveiro, em autocarros, às 13 horas, com regresso às 19 horas, pagando os estudantes e operários apenas metade do custo do bilhete.

Do programa, faz parte uma recepção pelos srs. Duques de Bragança e Príncipe da Beira, directores representantes do Rei da Restauração, D. João IV, do Santo Condestável e do Príncipe Navegador, cujos centenários estão decorrendo.

As pessoas que desejem participar nesta patriótica jornada poderão inscrever-se pelos telefones números 23451 ou 22445, devendo fazê-lo quanto antes, em virtude de ser limitado o número de inscrições.

Pela Capitania

Movimento Marítimo

★ Em 19 do corrente, com destino a Leixões, saiu o navio-motor *São Silvares*, com 120 toneladas de madeira.

★ Em 20, procedentes de Leixões, demandaram a barra o batelão 4-C e o rebocador *Guadiana*, da Direcção dos Serviços Hidráulicos.

Bairro dos Pescadores de S. Jacinto

Pelo Ministério das Obras Públicas, através do Fundo de Desemprego, foi recentemente comparticipada, com um reforço de 30 contos, a obra ampliação do Bairro dos Pescadores de S. Jacinto.

«Via Latina»

Acaba de nos ser enviado o primeiro número do corrente ano lectivo da «Via Latina», órgão da Associação Académica de Coimbra, agora dirigido pelo nosso conterrâneo Carlos Manuel Candal, Presidente da Direcção Geral da Académica.

Profundamente remodelada, sob vários aspectos, a «Via Latina» inclui, no número que nos foi oferecido, além de colaboração artística do jovem universitário e artista aveirense Gaspar Albino, um artigo do Director do Externato de S. Tomás de Aquino, desta cidade, Dr. Fernando Garcia.

126.º Aniversário da Banda Amizade

Em virtude de não se encontrarem concluidas as obras da sua nova e moderna sede, a Direcção da conhecida «Banda Amizade», desta cidade, não levou a efeito, no dia da passagem do seu 126.º aniversário, qualquer cerimónia festiva, como usualmente costuma acontecer.

O aniversário será festejado quando da inauguração do edifício da sede, que se prevê para breve data.

«Seara Nova»

Acaba de se publicar o n.º 1376/7 da revista de doutrina e crítica «Seara Nova», correspondente aos meses de Junho e Julho do corrente ano. O seu sumário é o seguinte:

António Alfredo — *A Arte Integrada na Arquitectura e o silêncio da Crítica.* Josué de Castro — *A Alimentação e a Saúde.* P. Mendès-France — *Aneurin Bevan.* Mário Barata — *A «Nação Judaico-Portuguesa» do Surinan e as relações com o Brasil, no século XVIII.* Vieira de Almeida — *Apontamentos (Sub Specie Belli).* Pedro Prado — *Dois Poemas.* Luís Merino Reyes — *Um escritor chileno: Pedro Prado.* Luís de Carvalho e Oliveira — *Causalidade da Delinquência Infantil.* J. Sant'Ana Dionísio — *Acerca da Projectada Reforma das Faculdades de Ciências (VIII).* José Fernandes Fafe — *O Preto que tinha a Alma Branca.*

O Centenário de Manuel da Silva Gaio; Entrevista com Gerald Moser (*Pedro da Silveira*); De Leste a Oeste (*J. H., O. R. e V. M.*); Notas de Leitura (*A. F. e V. M.*); Crítica de Poesia (*António Ramos Rosa*); Crítica Musical (*Maria da Graça Amado da Cunha*); Noticiário.

Festa na Escola do Magistério

Na penúltima sexta-feira, na Escola do Magistério Primário Particular de Aveiro, efectuou-se a tradicional festa de recepção que as alunas finalistas daquele estabelecimento de ensino dedicam às suas colegas do 1.º ano.

Foi celebrada missa, na paroquial da Vera-Cruz, pelo professor da Escola do Magistério Mons. Aníbal Ramos; e, em seguida, realizou-se uma festa de confraternização, a que se associaram a Directora e os professores da Escola.

FAZEM ANOS

Hoje — A sr.ª D. Mariette Praça de Almeida Matos, esposa do sr. José Moreira de Matos; os srs. Alexandre Casimiro Barroca e Domingos Manuel de Vilhena Ferreira; a menina Bernardette Lourdes da Fonseca Oliveira, filha do sr. Ulisses do Rosário Oliveira; e os meninos João Augusto da Silva Branco, filho do nosso colaborador Dr. Vasco Branco, e João Luís, filho do sr. Ulisses da Naia e Silva.

Amanhã — O menino Jorge Manuel Oliveira, filho do sr. José de Oliveira, ausentes na cidade da Beira (Moçambique).

Em 28 — A sr.ª D. Maria José Mota Lima, residente em Luanda; o sr. Manuel dos Santos Melo; e os meninos Fernando Casqueira Pires, filho do sr. Alberto Pires, Manuel de Almeida Lourenço da Costa, filho do sr. Dr. Francisco Lourenço da Costa, e Alberto Mário Decrook Gaioso Henriques, radiologista no Hospital de Luanda.

Em 29 — As sr.as D. Irene Salgado, D. Maria Isabel Ferreira dos Santos Limas, esposa do sr. José das Neves Limas; os srs. João Luís Flamengo, Francisco Ferreira Martins e Manuel da Silva Salgueiro; e a menina Rosa Maria Salgado dos Anjos Vieira, filha do sr. Severino dos Anjos Vieira.

Em 30 — As sr.as D. Maria Gonçalves Amaro, esposa do sr. Carlos Júlio Rodrigues, e D. Maria del Consuelo Pereira Aguiar, esposa do sr. José Adriano Pereira Aguiar.

Em 1 de Dezembro — Os srs. Dr. Jaime José Nogueira Ilharco, filho do antigo Director de Finanças de Aveiro sr. José da Costa Ilharco, e Adolfo Correia Rito; e a menina Maria Rosa Pinho Mieiro, filha do sr. Ricardo Mieiro e neta do artista José de Pinho.

Em 2 — As sr.as D. Zilda Rodrigues Varela, esposa do sr. Cesário da Graça e Melo, e D. Maria do Céu Pimentel de Matos Freitas, esposa do 1.º Sargento da Aeronáutica sr. António Freitas; os srs. Dr. Amílcar de Lima Gouveia, 1.º Tenente António Emílio de Almeida Azevedo Sachetti e Eugénio Martins Ferreira; e a menina Fernanda Maria, filha do sr. Domingos Simões Maia.

NASCIMENTO

No passado dia 16, nasceu um filhinho ao casal da sr.ª D. Maria Gonçalves da Rocha e do sr. Ernesto Simões Maio, de Verdemilho.

O menino vai receber o nome de Ernesto Manuel.

Os nossos parabéns

DR. ALBERTO AGUALUZA

Com elevada classificação, concluiu a sua formatura em Medicina, na Universidade de Lisboa, o sr. Dr. Alberto Manuel Freire Agualuza filho da sr.ª D. Albertina Freire Agualuza e do sr. Capitão da Marinha Mercante Joaquim Fernodnes Agualuza.

Ao novo médico desejamos as maiores felicidades pessoais e na nobilíssima profissão que vai agora iniciar.

DR. ALBERTO PIMENTA

Com sua esposa, sr.ª Dr.ª D. Maria Augusta Kopke de Sousa Lobo Barros Mimoso de Figueiredo Pimenta, segue para a Alemanha, onde vai exercer o cargo de Leitor de Português na Universidade de Heidelberg, o sr. Dr. Alberto Pimenta, nosso bom amigo e distinto colaborador.

Desejamos-lhe as melhores felicidades no desempenho das suas novas e elevadas funções.

Agradecimentos

★ Maria Estela Fernandes de Pinho, completamente restabelecida da enfermidade que a reteve no Hospital de Aveiro, vem, por este meio, testemunhar o seu indelével reconhecimento aos distintos médicos aveirenses srs. drs. Vítor Regala, Ribeiro Breda, Fernando Neto e Humberto Leitão, pela competência e pelos desvelos com que a trataram durante a sua doença. Do mesmo modo, torna extensivo este seu agradecimento às irmãs, que solicitamente e carinhosamente a atenderam no Hospital.

★ Maria Estela Fernandes de Pinho agradece, por esta forma e muito reconhecidamente, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, a todas as pessoas que se interessaram pela sua saúde durante a doença que a manteve no Hospital desta cidade.

Aveiro, 23 Novembro de 1960.

Empresa de Pesca de Aveiro, Limitada

Assembleia Geral Extraordinária

CONVOCATÓRIA

Convidam-se os sócios da Empresa de Pesca de Aveiro, Limitada, sociedade por cotas com sede em Aveiro, a reunir em Assembleia Geral Extraordinária, que se realizará pelas quinze horas e trinta minutos do dia 7 de Dezembro de 1960, na sua sede, à Praça Luís Cipriano, n.º 10, da cidade de Aveiro, para

— *deliberarem sobre contratos de financiamento necessários às transformações do arrastão «Santo André» e do navio de linha «Rio Alfusqueiro».*

Aveiro, 23 de Novembro de 1960

O Gerente-Delegado,

a) — *Egas da Silva Salgueiro*

Regimento de Infantaria n.º 10

ANÚNCIO

O Conselho Administrativo desta Unidade, torna público que no dia 12 de Dezembro do ano em curso, pelas 10 horas, no Quartel deste Regimento, se procederá à venda em hasta pública de artigos incapazes de material de Instrução e Aquartelamento, tais como: cobertores, enxergas, lençois, alpergatas, calções de ginástica, etc..

Quartel em Aveiro, 19 de Novembro de 1960

O Chefe da Contabilidade,

Fernando Caldeira Bettencourt

Tenente do Q. S. G. E.

Grémio da Imprensa Regional

Os srs. Cónego Dr. José Galamba de Oliveira, Nuno Rossini Rosado, Gentil Marques e a sr.ª D. Elisa de Carvalho, membros da Comissão Directiva do *Grémio Nacional da Imprensa Regional*, avistaram-se, há dias, com o sr. Ministro das Corporações e Previdência Social com quem trataram de assuntos de primordial importância para os agremiados daquele Organismo.

Aquele membro do Governo mostrou o maior interesse pela solução urgente dos problemas expostos, tendo sido na mesma ocasião trocadas impressões sobre pormenores relacionados com a carteira para os jornalistas da Imprensa Regional.

Esteve também presente na referida reunião, o sr. Dr. Neto de Carvalho, Director-Geral do Trabalho e Corporações.

Os mesmos membros da Comissão Directiva apresentaram cumprimentos ao novo Director dos Serviços de Informação do S. N. I., sr. Dr. Ramiro Valadão, tendo aproveitado a oportunidade para trocarem impressões sobre alguns problemas dependentes daquele Organismo.

Almoço de Homenagem

Na pretérito sábado, foi homenageado, durante um almoço que lhe foi oferecido no Restaurante *Galo d'Ouro*, o sr. Jorge Mendes Rodrigues, que, durante três anos, exerceu em Aveiro as funções de Inspector da Shell Portuguesa, e agora foi escolhido para desempenhar idênticas funções em Faro.

A reunião teve a presença dos srs. Eng.º Daniel Peleteiro e M. Guimarães Pestana, respectivamente Gerente da Filial do Porto e Chefe de Vendas daquela empresa, e de numerosos amigos pessoais do sr. Inspector Mendes Rodrigues, que teve a gentileza, que agradecemos, de apresentar cumprimentos de despedida na Redacção do *Litoral*.

Ouça hoje, em Miramar

Produções Luciano Ferrão iniciaram, recentemente, como nestas colunas se noticiou, na programação do Rádio Clube Português (Emissor de Miramar), a transmissão de dois períodos em que se fala de Aveiro.

Estes programas repetem-se hoje e nos sábados seguintes, dentro dos horários que vamos indicar novamente: das 11.30 às 12, e das 15.30 às 16 horas.

«Dia do selo»

A Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos, correspondendo a um apelo da Federação Portuguesa de Filatelia, deliberou comemorar em Aveiro, no decorrer de um sarau, o *Dia do Selo*.

O festivo acontecimento terá lugar, na sede do Clube dos Galitos, na próxima quinta-feira, dia 1 de Dezembro, iniciando-se pelas 21.30 horas.

Dos números elaborados para o programa das comemorações do *Dia do Selo* destaca-se uma palestra do sr. José da Purificação Morais Calado, que falará sobre imp·e õ s colhidos na *V Exposição Nacional de Filatelia*, que recentemente se realizou em Lisboa — nela obtendo prémios todos os expositores aveirenses.

Horário dos Comboios

PARA O SUL		PARA O NORTE		PARA O V. DO VOUGA		Comboios destinados a Aveiro que chegam do V. do Vouga e do Porto	
Horas de partida	Obs.	Horas de partida	Obs.	Horas de partida	Obs.	Chegada	Obs.
1.28	Correio, Lisboa	5.34	Correio, Porto	7.45	Liga para Viseu	7.20	De Sernada do Vouga
7.00	Coimbra	6.50	Tranvia, Porto	10.21	» » »	8.17	» » » »
7.28	Coimbra (a)	8.27	» »	12.58	» » »	10 48	De Viseu
9.16	Coimbra	11.01	» »	16.25	» » »	12.58	De Sernada do Vouga
10.19	Foguete, Lisboa	12.22	Rápido, Porto	18.10	» » »	14.08	Tranvia do Porto
11.29	Coimbra	12.53	Tranvia, Porto	18.55	» » »	15.50	De Viseu
13.21	Semi-directo, Lisboa	14.53	Automotora, Porto	20.00	Só até Sernada	19.25	» »
15.04	Foguete, Lisboa	16.21	Semi-directo, Porto			20.27	Tranvia do Porto
16.02	Autom., Coimbra (a)	17.55	Foguete, Porto			21.52	» » »
18.52	Coimbra	18.30	Tranvia, Porto			22.47	De Viseu
19.40	Rápido, Lisboa	19.31	» »				
		21.22	» »				
		22.34	Foguete, Porto				

(a) Têm ligação para Lisboa

Cerâmica

Em Águeda — Boas condições. Trata *Carlos Silva* — Rua de Vasco da Gama, 92-1.º-esq.º.

Cineasta que se afirma

NOVOS PRÉMIOS PARA VASCO BRANCO

O nosso bom amigo e colaborador Dr. Vasco Branco — escritor e artista de comprovados méritos — acaba de ser novamente galardoado pela sua devotada e persistente actividade dentro do Cinema Amador.

★ No recente XXII Concurso Internacional da UNICA (Union International du Cinema d'Amateurs), a película *Circo e etc.* foi classificada em 7.º lugar entre 18 filmes apresentados por outros tantos países. O aludido filme — muito apreciado e elogiado pelo público, por cineastas e jornalistas — foi proposto para dois prémios especiais, a atribuir ao filme mais alegre e ao filme mais original do Concurso.

★ No I Festival Internacional de Filmes de Amadores, organizado pelo Grupo Cultural e Desportivo da Companhia Nacional de Navegação, Vasco Branco coleccionou os mais elevados galardões, com os trabalhos que a seguir se indicam:

Eterno Poema e *Circo e etc.* — medalhões «Comemorações Henriquinas»; e *Figuras & Abstracto* — medalhão «Grupo Cultural e Desportivo da C. N. N.».

Por mais estes brilhantes êxitos, merecidos sumamente e desvanecedores, felicitamos efusivamente o Dr. Vasco Branco.

Justo preito de homenagem

No pretérito sábado, dia 19 do corrente, realizou-se uma merecida homenagem ao sr. José Nunes Alves, que, há 45 anos consecutivos, trabalha na Fábrica de Papel de Vale Maior (Albergaria-a-Velha), desempenhando actualmente, com muito zelo e proficiência, as funções de chefe de escritório da referida empresa.

O sr. José Nunes Alves, por suas qualidades de carácter e trabalho e por sua natural bondade, goza — justamente — de grande consideração e é estimado e admirado por quantos o conhecem.

No referido dia, e no refeitório da Fábrica de Papel de Vale Maior, efectuou-se um jantar de homenagem, que foi presidido pelo sr. Eng.º Manuel Firmino da Costa, Director Geral da empresa a que a fábrica pertence, que representava o respectivo Conselho de Administração.

Encontravam-se ainda presentes os srs. eng.os: Paulo Sanches da Gama, Adjunto da Direcção da Companhia; José Maria Borges de Sousa, Chefe dos Serviços Industriais; José Lobão, Cardoso, Director da Fábrica do Prado, em Tomar; João Matos da Cruz e Armando F. Santos, da Fábrica da Lousã; João José Coelho da Silva, Director da Fábrica de Vale Maior; Dr. Flausino Correia, médico em Albergaria-a-Velha e da Fábrica de Vale Maior; Eng.º Noberto Vilarinho, Encarregado-Geral; e ainda o Chefe de Fabricação, sr. António Augusto.

Aos brindes, para relevar as qualidades de carácter, de trabalho, de dedicação e de inconcursa honestidade do sr. José Nunes Alves, usaram da palavra os srs.: Director da Fábrica; Dr. Flausino Correia; Eng.º Sanches da Gama; Eng.º Matos da Cruz; Manuel Tavares da Silva Letra, pelos empregados; e Manuel da Silva Carvalho, pelos operários.

Encerrou a série de discursos o sr. Eng.º Firmino da Costa, agradecendo, depois, visivelmente comovido, o homenageado.

Um aspecto dos convivas, durante o banquete de homenagem

D. Maria José Martins de Melo

Manuel Martins de Melo e família agradecem, por este meio, a todas as pessoas que os acompanharam na sua dor, quando do recente falecimento, no lugar de Pinheiro, freguesia de S. João de Loure, de sua mãe e parente, Maria José Martins de Melo.

Aveiro, 21 de Novembro de 1960

DESPORTOS

CONTINUAÇÕES DA SEGUNDA PAGINA

F ★ U ★ T ★ E ★ B ★ O ★ L

Diego Sacco também foi castigado, pelas mesmas razões e na mesma pena. Lento e pouco apegado à luta, este futebolista deveria produzir um outro rendimento, bastante melhor. Foi — parece-nos — bem punido; e, se com a multa que lhe foi imposta, se tiver conseguido *despertá-lo* para uma melhor produtividade, poderemos ainda vir a «abençoar» a decisão dos dirigentes do Beira Mar, já que o futebolista argentino é capaz de ser muito útil à equipa.

Vai longo o presente comentário. Resta, sòmente, uma apreciação ao trabalho da equipa de arbitragem, chefiada pelo juiz internacional lisboeta António Calheiros. Para fazê-lo, servimo-nos com a devida vénia, das palavras do repórter que o «Jornal de Notícias» destacou para o encontro de Azeméis:

A arbitragem situeu-se em bom nível. Mas duas faltas que decorreram dentro da grande área dos locais, já no segundo tempo (carga sobre Miguel e «mão» de André) parece-nos merecedoras de castigo. Também, no aspecto disciplinar, diminuiu de valor na segunda parte.

Mapa da Classificação

CLUBES	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Oliveirense	9	7	—	2	22 - 10	14
Boavista	9	6	—	3	24 - 14	12
Marinhense	9	5	1	3	18 - 8	11
C. Branco	9	4	3	2	16 - 13	11
Torriense	9	4	2	3	14 - 15	10
Beira-Mar	9	2	5	2	14 - 13	9
Chaves	9	3	3	3	16 - 18	9
Caldas	9	4	1	4	14 - 18	9
G. Vicente	9	3	2	4	14 - 13	8
Peniche	9	3	2	4	11 - 15	8
Sanjoanen.	9	3	2	4	14 - 20	8
União	9	3	1	5	12 - 21	7
Vianense	9	2	1	6	9 - 14	5
Feirense	9	1	3	5	18 - 24	5

I DIVISÃO

Cesarense, 0 — Arrifanense, 1 Pejão, 1 — Cucujães, 2; Espinho, 6 — Lusitânia, 1 — Lamas, 6 — Vista Alegre, 1; e Recreio, 3 — Ovarense, 1.

TABELA DE PONTOS

CLUBES	J.	V.	E.	D	Bolas	P.
Espinho	11	9	—	2	30 - 6	29
Recreio	11	8	1	2	25 - 12	28
Arrifanense	11	8	—	3	27 - 11	27
Cucujães	11	6	1	4	18 - 18	24
Ovarense	11	5	2	4	18 - 17	23
Lusitânia	11	4	2	5	19 - 23	21
Pejão	11	4	1	6	18 - 21	20
Lamas	11	3	1	7	19 - 22	18
V. Alegre	11	2	—	9	12 - 34	15
Cesarense	11	1	2	8	8 - 30	15

RESERVAS

Lusitânia, 3 — Sanjoanense, 10; Feirense, 2 — Lamas, 0; Ovarense, 2 — Cucujães, 2; e Recreio, 3 — Beira-Mar, 0.

O encontro *Pejão-Arrifanense* não se realizou, por terem faltado os arrifanenses, pelo que foi averbada vitória aos pedoridenses.

CLASSIFICAÇOES

SÉRIE A

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sanjoanense	9	6	1	2	37-13	22
Feirense	9	6	1	2	36-12	22
Lamas	10	5	1	4	15 14	21
Espinho	9	5	1	3	16-17	20
Arrifanense*	10	5	—	5	21 25	19
Lusitânia	10	1	2	7	24-35	14
Pejão	9	1	2	6	5 30	13

* Tem uma falta de comparência

SÉRIE B

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Oliveirense	8	5	1	2	23-17	19
Beira-Mar	8	5	—	3	37-13	18
Recreio	8	4	1	3	14-18	17
Cucujães	7	5	—	2	21 13	17
Ovarense	8	1	2	5	11-29	12
Estarreja	7	1	—	6	8-24	9

JUNIORES

Cucujães, 2 — Sanjoanense, 5; Feirense, 2 — Oliveirense, 0; Espinho, 4 — Arrifanense, 1; Anadia, 5 — Estarreja, 0; Beira-Mar, 2 — Recreio, 0 e Vista Alegre, 1 — Ovarense, 3.

CLASSIFICAÇÕES

SÉRIE A

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sanjoanense	8	7	—	1	42- 9	22
Oliveirense	8	6	—	2	28-14	20
Feirense	8	6	—	2	21-13	20
Espinho	8	3	1	4	12 18	15
Arrifanense	8	1	—	7	8-38	10
Cucujães	8	—	1	7	6-27	9

SÉRIE B

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Ovarense	8	6	—	2	13- 8	20
Recreio	8	4	3	1	16- 4	19
Beira-Mar	8	4	1	3	14-12	17
Vista Alegre	8	3	1	4	9 14	15
Anadia	8	3	—	5	13 15	14
Estarreja	8	1	1	6	3-15	11

Jogos para AMANHÃ

CAMPEONATO NACIONAL

II DIVISÃO — 10.º dia

CALDAS - GIL VICENTE
UNIÃO - CASTELO BRANCO
BEIRA-MAR - BOAVISTA
TORRIENSE - OLIVEIRENSE
SANJOANENSE - FEIRENSE
MARINHENSE - CHAVES
VIANENSE - PENICHE

CAMPEONATOS DE AVEIRO

I DIVISÃO — 12.º dia

ARRIFANENSE - ESPINHO
PEJÃO - CESARENSE
LUSITÂNIA - LAMAS
VISTA-ALEGRE - RECREIO
OVARENSE - CUCUJÃES

RESERVAS — 12.º dia

ARRIFANENSE - FEIRENSE
SANJOANENSE - PEJÃO
ESPINHO - LUSITÂNIA
CUCUJÃES - RECREIO
ESTARREJA - OVARENSE

JUNIORES — 9.º dia

ESPINHO - CUCUJÃES
SANJOANENSE - FEIRENSE
ARRIFANENSE - OLIVEIRENSE
VISTA-ALEGRE - ANADIA
ESTARREJA - BEIRA-MAR
OVARENSE - RECREIO

BASQUETEBOL

O Galitos venceu, justamente e, portanto, sem discussão. O Águias apenas equilibrou o desafio até o intervalo.

Beira-Mar, 42 — Cucujães, 19

Árbitros: Manuel Neves e Manuel Bastos.

BEIRA-MAR — Feliciano 8, Salviano 6, José Luís Pinho 11, Paroleiro 4, Rosa Novo 13, José Luís Pimenta e Necas.

CUCUJÃES — Silvestre, Moutinho 4, João Ramalhosa 6, José António 7, Bastos 2, Jorge, José Maria e António.

1.ª parte: 24 6. 2.ª parte: 18-13.

Os beiramarenses conquistaram 17 cestas de campo e converteram 8 lances livres dos 15 de que beneficiaram (53,33 %). Os cucujanenses alcançaram 6 cestas de campo e transformaram 7 lances livres em 18 tentados (38,88 %).

A partida não teve grande história. O Beira-Mar construiu o resultado no primeiro período, consentindo, no entanto, que os visitantes equilibrassem os números da segunda metade, quando — por falta de fundo físico — abrandaram o ritmo do seu jogo.

Os árbitros não estiveram bem: Manuel Neves cotou-se como sofrível; mas Manuel Bastos esteve francamente mal, ao complicar o seu próprio trabalho com erros palmares, cometidos em faltas nitidamente inventadas.

Esgueira, 40 — Illiabum, 34

Árbitros: Albano Baptista e Manuel Arroja.

ESGUEIRA — Júlio, Raul 2, Vinagre 6, Américo 10, Manuel Pereira 14, João Calisto 1 e César 8.

ILLIABUM — Grilo 2, Balau 2, Cachim 14, Jorge 5, Elmano 10 e Balseiro 1.

1.ª parte: 15 15. 2.ª parte: 25 19.

O Esgueira conquistou 17 cestas de campo e converteu 6 lances livres em 14 tentativas (42,85 %). O Illiabum conseguiu 15 cestas de campo e transformou 4 lances livres em 16 tentados (25 %).

A partida, de muito interesse para ordenação final dos concorrentes, decorreu com equilibrio, tendo terminado com um justo triunfo dos esgueirenses.

Sanjoanense, 52 — Sangalhos, 47

Árbitros: Albano Baptista e Narsindo Vagos.

SANJOANENSE — Aureliano, Américo, Tavares, Edmundo 24, Joaquim Lagoa 12, Armando 12 e Carlos Silva 4.

SANGALHOS — Barros, Feliciano 6, Manuel Ferreira 1, Amândio 20, Alberto 16, Arménio 4, Calvo e Farate.

1.ª parte: 24 22. 2.ª parte: 28 25.

A Sanjoanense obteve 21 cestos de campo e transformou 10 lances livres em 30 tentados (33,33 %). O Sangalhos conquistou 18 cestas de campo e alcançou 11 lances livres em 27 tentados (40,704 %).

● Antes, a contar para o torneio de Reservas, o Sangalhos derrotou a Sanjoanense por 35-33 (19-18, ao intervalo).

XADREZ DE NOTICIAS

A anteceder o desafio de basquetebol Galitos-Illiabum, da prova regional, jogam hoje, no Rinque do Parque, como início às 21 horas, os infantis e os juniores do Clube dos Galitos.

Foi escolhido para Presidente da Comissão Distrital dos Árbitros de Futebol de Aveiro o sr. Eng.º João Cândido Ventura da Cruz.

A A. F. A., na sua reunião da presente semana, castigou, com três jogos de suspensão, os futebolistas juniores José Manuel, do Beira-Mar, e Carlos Alberto Matos, do Recreio — por se haverem agredido.

Em Tancos, numa das poules *iniciais do Campeonato da Força Aérea, defrontaram-se, na semana finda, em duas* mãos, *os grupos da Base Aérea 7, de S. Jacinto (Aveiro) e do Batalhão de Paraquedistas, campeão crónico nos últimas épocas, por haver desistido o outro concorrente (Base Aérea 5, de Monte Real).*

Os Paraquedistas ganharam a eliminatória, pois, embora perdendo por 27 25, no primeiro encontro, venceram, depois, por 31-25.

Com a presença de representantes ou delegados do Académico Vareiro, do Orfeão de Ovar, da Ovarense, da Oliveirense, do Illiabum, do Galitos, do Sporting de Aveiro e do Beira-Mar, realizou-se na sede dos beiramarenses, na noite do pretérito sábado, uma reunião tendente a criar-se a Associação de Ténis de Mesa de Aveiro.

A ela assistiram, orientando os trabalhos, os dirigentes federativos srs. António Silva e Tasso Faria.

Na quarta-feira, na sede da Associação de Basquetebol de Aveiro, efectuou-se o sorteio dos jogos dos torneios de infantis e juniores. Oportunamente daremos a conhecer os respectivos calendários.

A nóvel Secção de Pesca Desportiva da Sociedade Recreio Artístico vai promover, em 4 de Dezembro próximo, um concurso da modalidade, no molhe Norte da Barra. Haverá numerosos e valiosos prémios.

O jogo de futebol Vista Alegre-Recreio, em virtude da interdição do Campo de Jogos do Clube Ilhavense, foi marcado pela Associação de Futebol de Aveiro para o Campo dos Olivais, em Anadia.

Para o desafio Castelo Branco-Beira-Mar, o proprietário do Restaurante Moderno *promove excursões de autocarro, ao preço de 75$00.*

O CASO «LABRUNA»

responder. Os dianteiros falharam estrondosamente! Dentre eles, descortinou-se Correia; o *slogan* foi novamente cantado! E como um achado, miragem divina, a causa da derrota havia sido encontrada! Castiga-se o Correia, mas, desta vez, acompanhado. E castiga-se, informa o órgão do Clube, por «falta de brio desportiva»! Que infelicidade!

Estivemos também em Oliveira de Azeméis. Se «Labruna» jogou mal ou bem, não importa para o caso. Mas, senhores responsaveis, arrumem o *caso* duma vez, mandem o Correia para casa, se assim o entenderem, mas não castiguem por falta de brio desportivo esse atleta, que o que ele mais tem é brio desportivo! Se «Labruna» tem os seus adeptos é, precisamente, por ser um atleta generoso, indómito, daqueles que deixam o coração no campo. Inventem qualquer outra coisa menos isso, que dá muito nas vistas, pois foram às centenas as pessoas que estiveram em Oliveira de Azeméis. Houve falta de brio, mas não de Correia! Jogou mal, mas lutou sempre! Aliás, Correia não é um novo no Clube. Sabemos — todos o sabem —, quanto vale como atleta. O que joga, aquilo de que é capaz não constitui novidade. E, se tudo isso é pouco, e ele não serve para a equipa, para que o incluem no onze? De quem será a culpa? Se não cumpre as instruções, para que insistem?

Resolvam o *caso* duma vez para sempre, mas não inventem! Erguemo-nos na defesa do atleta, pois não esquecemos que o «Labruna» que agora perde os jogos é o mesmo que muitos ganhou na III Divisão.

Protestamos contra o castigo porque estivemos no *Campo de Carlos Osório*. «Labruna» foi e é o jogador de primeira equipa com vencimento de reserva! Incongruências!

Mandem-no embora, repetimos, e acabam-se as desculpas...

Falta de brio?! Andam cegos!

Armando Coimbra

Júlio Dinis e Augusto Soromenho

Continuação da primeira página

-se com bispos, arcebispos e eminentíssimos dignatarios da curia».

Deixo aos eruditos o encargo de esclarecerem se no amabilíssimo debique — ou na acertada profecia de Augusto Soromenho sobre os triunfos literários do romancista — estará o germe da simpatia mútua que veio a afirmar-se exuberantemente.

Numa epístola de 7 de Abril de 1867, destinada a Alexande Herculano, Júlio Dinis escreveu, logo nas primeiras linhas:

«Recebi hontem uma carta do meu meu amigo A. Soromenho, na qual elle teve a bondade de me comunicar a opinião, em extremo lisongeira, que V. Ex.ª formava de uma producção litteraria minha — «As pupillas do senhor reitor» — que eu lhe pedira para sujeitar à valiosa apreciação de V. Ex.ª».

Há na passagem transcrita uma afirmação que se me afigura ser hoje impossível explicar. Segundo ela, teria sido Júlio Dinis quem pediu a Augusto Soromenho para submeter *As Pupilas do Senhor Reitor* à apreciação de Alexandre Herculano. Mas o ilustre aveirense conta o facto de um modo inteiramente diverso: o insigne romancista ter-se-ia limitado a solicitar-lhe uma opinião pessoal — sendo Soromenho quem, assim honrado, teve a lembrança de consultar Herculano sobre os méritos da obra. Efectivamente, numa carta de 1874 para um livreiro de Leipzig, o notável arabista, falando muito elogiosamente de Júlio Dinis e das *Pupilas*, precisa o seguinte, que me permito sublinhar:

«Procurou-me um dia. Haviam-lhe pedido para reproduzir o romance em volume; *queria que eu lhe dissesse se elle merecia as honras de aparecer em livro.* O caracter de Gomes Coelho era tam sincero, tam leal, tam nobre, que ninguem podia suspeital-o capaz de uma impostura. Mas era um homem de genio, e, como tal, nem tinha a consciencia do seu grande talento, nem do merito dos seus escriptos. Quiz demonstrar lh'o eu. *Apesar de todas as resistencias, trouxe comigo para Lisboa o original do romance e apresentei-o a Alexandre Herculano,* o nosso primeiro literato, aquelle cujo opinião tinha mais auctoridade e mais valia. E o Mestre, em quem todos os verdadeiros talentos encontram sempre um admirador sincero e enthusiasta, auctorisou-me a dizer a Júlio Diniz, que elle o considerava *o primeiro talento da geração moderna,* e o seu romance *o primeiro romance portuguez d'este seculo*».

Fàcilmente se poderá calcular o alvoroço com que Augusto Soromenho «teve a bondade» de transmitir ao seu preclaro amigo estas apreciações desmesuradas...

As *Pupilas do Senhor Reitor* foram recebidas com intenso prazer e mereceram incondicionais aplausos do grande público e dos homens de letras. Ainda que possam considerar-se, como as definiu Sousa Viterbo, «a suprema expressão do romance bucólico», há-de parecer, como advertiu um crítico sagaz, que Herculano se excedeu, esquecendo os romances de Camilo Castelo Branco, «então na pujança do seu génio de escritor»...

Não obstante, o próprio Camilo, escrevendo a Castilho em 2 de Novembro de 1867, referiu-se às *Pupilas* nestes termos altamente elogiosos: «Li e disse cá entre mim, *Jam nova progenies*, etc.. Aquilo é rebate de entroixar eu a minha papelada e desempeçar a estrada à nova geração». Mais tarde, num volume do romance *Uma Família Inglesa*, o torturado de S. Miguel de Seide pôs à margem uma nota, que Egas Moniz acertadamente classificou de «penetrante», na qual afirmava que Gomes Coelho fora um «notabilíssimo romancista» e transluzira nos seus livros o «adorável espírito» que tão cedo passou a melhor vida.

Reparo que estou a afastar-me do tema: o que neste apontamento interessa salientar, em ordem a deduzir-lhe os corolários, é que Júlio Dinis e Augusto Soromenho foram amigos íntimos.

Perderam-se as cartas do insigne aveirense para o celebrado escritor, e suponho não haver esperanças de encontrá-las. Vem a propósito lembrar as palavras de Gomes Coelho em que lamentava a «miseria da vida litteraria do nosso paiz, onde a preciosa correspondencia dos nossos homens de lettras raras vezes se salva para a posteridade», com grave prejuízo «para a crítica e para a história». Sabe-se, todavia, através de uma relação que o romancista intitulou *Indice das cartas litterarias a proposito dos meus livros*, que Augusto Soromenho foi um dos seus mais assíduos correspondentes.

Indicam-se ali nada menos de nove «cartas litterarias» de Soromenho, a primeira de 15 de Abril de 1867 e a última de 16 de Julho de 1868. Nenhum outro escritor foi tão pródigo neste género de critica às obras do romancista.

Afortunadamente, conhece-se uma boa parte da correspondência de Júlio Dinis para três dos seus mais devotados amigos — e, afortunadamente também, nela se nos deparam frequentes e amistosas referências a Augusto Soromenho.

Nas cartas endereçadas a José Pedro da Costa Basto, encontram-se as seguintes passagens:

a) — «Julguei que não teria tempo de lhe escrever por este correio e por isso lavrei na carta para o Soromenho um *post scriptum* que esta inutiliza. /.../ Não sabe o prazer com que se recebem aqui as cartas dos amigos. É geralmente um dia de febre o da chegada dos vapores. O motivo principal da sua carta augmenta o meu reconhecimento. Uma fineza igual devo ao Soromenho, que tambem me mandou uma receita experimentada com efficacia em doenças analogas á minha. Isto prova-me que por ahi ando na lembrança dos amigos e não posso ser indiferente a provas taes. /.../ Não crimine a auctora do romance em que fallei ao Soromenho» (Funchal, 20-1-1869).

b) — «E contudo sentia vontade de escrever-lhe para saber de si e de seu mano e do Soromenho e para lhe agradecer a carta que me escreveu» (Porto, 14-7-1870).

c) — «Escuso de dizer-lhe que desejo me faça lembrado d'elle (refere-se ao irmão do destinatário) assim como do Soromenho, que não sei com certeza se ainda vive» (Porto, 11-8-1870).

d) — «Faça-me lembrado de seu mano João e do Soromenho, se o vir». (Funchal, 19-11-1870).

São evidentíssimas as provas da consideração e estima que Júlio Dinis e Augusto Soromenho mùtuamente se votavam.

Chega a ser enternecedor o carinho com que o ínclito aveirense, um leigo na matéria, pretendeu acudir à doença do seu amigo, um médico distinto, indicando-lhe uma receita que julgava eficaz — e forçando-o a revelar a outro amigo, em termos de amorável complacência, o seu agradecimento pela gentileza.

A falta de notícias assíduas de Augusto Soromenho tinha o condão de afligir ou desconsolar Júlio Dinis, como se conclui, por exemplo, daquela elegante ironia: «... do Soromenho, que não sei com certeza se ainda vive»!

Nas cartas enviadas a João Pedro da Costa Basto, repetem-se a cada passo as alusões, impregnadas de afecto, ao erudito e desventurado aveirense:

a) — «Peço-lhe que me desculpe com o Soromenho por não lhe escrever d'esta vez» (Funchal, 20-2-1870).

b) — «O Soromenho fala-me, por ouvir dizer, de alguns acontecimentos theatraes da presente epoca. Como é provavel que o meu amigo assistisse a alguns, peço-lhe que se tiver paciência de me escrever, me informe do que ha de verdade nos juizos dos periodicos» (Funchal, 20-3-1870).

c) — «Conto partir d'aqui no vapor de Maio. Terei então o prazer de o abraçar em Lisboa, onde me demorarei alguns dias a descansar. Adeus; peço-lhe que mostre esta carta ao Soromenho para constar. Tenciono escrever-lhe pelo vapor de Africa. Muitas saudades a seu mano João e ao Soromenho» Funchal, 20-4-1870).

d) — «Escrevi ha dias ao Soromenho e por signal que ainda não tive resposta» (Porto, 20-6-1870).

Augusto Soromenho era, como se vê, um companheiro digno de particular apreço e, por isso, constantemente lembrado.

Numa carta de 29 de Setembro de 1870, Júlio Dinis falava dos «poucos» amigos que tivera e dos «pouquíssimos» que lhe restavam... Entre estes contava-se, sem sombra de dúvida, Augusto Soromenho. Sem sombra de dúvida porque, cerca de dois meses depois, em 19 de Novembro de 1870, Gomes Coelho continuava a manifestar o empenho de fazer-se lembrado do ilustre aveirense — e, ainda mais tarde, como esclareceri, com ele conversava amistosamente.

António Christo

CARTA DE LISBOA

Continuação da primeira página

Castro...). *Têm todos os mesmos cheiros, em todos eles se come sempre o mesmo «filet», os criados falam todos os mesmos idiomas e até têm os mesmos gestos. Evidentemente que este vosso Ritz está perfeitamente ao nível daqueles, mas estou um pouco farto. No restaurante só ouço falar americano, nos salões só encontro americanos e, como vê, aqui à nossa volta só estão americanos. Não sinto por isso que estou na Europa e... next time I'll change».*

Acabei por levá-lo a jantar ao «Folclore». Comida portuguesa, vinhos portugueses, trajos e danças portuguesas, creio que era o antídoto indicado. Adorou.

APESAR desta precoce invernia, pelo andamento em que aquilo vai, só agora começo a acreditar que teremos, realmente, a auto-estrada Lisboa-Vila Franca, aberta no fim do ano. É o melhor presente de Natal que o sr. Ministro das Obras Públicas pode dar-nos. Oxalá que nenhum contra-tempo venha impedir a realização da promessa. Todos ganharemos com isso: Sua Excelência agigantará o prestígio que há muito lhe rodeia o nome e a obra; a Junta Autónoma das Estradas ganhará os escudos da já discutida portagem, a meu ver muito justa; vós, conterrâneos meus, ganhareis tempo e quilómetros quando tiverdes de vir a Lisboa por qualquer assunto oficial ou simplesmente em procura do «grand monde»; e nós, conterrâneos vossos que aqui vivemos, ganharemos esse mesmo tempo e esses mesmos quilómetros quando, gastos por este frenesi e intoxicados com a poluição, nos apetecer ir respirar essa maresia, de que já vos não apercebeis, e embebedar os olhos com a inconfundível luz da nossa Ria, de que os vossos olhos andam arredados e indiferentes.

Aguardemos todos, pois, esse presente de Natal e saibamos usá-lo com civilidade e... com moderação.

Gonçalo Nuno

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

Pelo Primeiro Juízo de Direito desta Comarca de Aveiro e 2.ª Secção de processos, correm seus termos uns autos de processo de falência, a requerimento de José da Purificação Morais Calado, casado, comerciante, e em que é requerida a *Drogaria de Aveiro, L.da*, com sede na Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 16 a 20, e, nos mesmos autos, foi designado o dia 4 do próximo mês de Dezembro, pelas 11 horas, à porta do estabelecimento da requerida, para se proceder à venda, em lotes, dos seguintes produtos que serão entregues pelo melhor lanço obtido na praça: grande quantidade de produtos farmacêuticos de diversos laboratórios, perfumarias e sabonetes, cremes e dentríficos diversos, batons, rouges, pó de arroz de diversas marcas, pincéis e trinchas de diversos números; uma balança «Avery», outra «AP»; 3 balanças de pratos e 2 decimais; 1 máquina registadora «National»; extintores de incêndio; produtos insecticidas; garrafões de diversos tamanhos, tintas e vernizes; bidons, embalagens diversas; caixotes de diversos tamanhos; 2 máquinas de escrever, uma marca «Royal» e outra marca «Remington»; mobiliário composto de secretárias, mesas grandes, cadeiras, mochos, estantes para arquivo, balcão, vitrina e armação do estabelecimento e outros artigos que fazem parte da existência arrolada.

Dos produtos a vender ou a pracear o adquirente dos produtos só poderá transaccioná-los se estiver legalmente habilitado a fazê-lo e os medicamentos a que se referem as listas publicadas na 1.ª série dos D. G. n.os 201, de 19 de Novembro de 1956; 105, de 8 de Maio de 1959; 225, de 30 de Setembro de 1959; além dos abrangidos pelos Decretos n.os 12210, de 9 de Dezembro de 1924; 16680, de 26 de Março de 1929; 13443, de 8 de Abril de 1927; 19044, de 15 de Novembro de 1930; 22131, de 13 de Janeiro de 1933; 35476, de 29 de Janeiro de 1946; 30142, de 16 de Dezembro de 1939; 23845, de 14 de Maio de 1934; 26483, de 31 de Março de 1936; 27213, de 18 de Novembro de 1931; 37560, de 19 de Setembro de 1949; 38262, de 3 de Julho de 1953; e 41718, de 7 de Julho de 1958 — só podem ser vendidos a quem exiba receita médica.

E' administrador *Manuel da Cruz e Sousa*, desta cidade de Aveiro.

Aveiro, 20 de Novembro de 1960

O Chefe da 2.ª Secção,

João Alves

Verifiquei:

O Magistrado Síndico,

Manuel Joaquim Sampaio Tinoco de Faria

O Leitor tem a palavra •••

AVEIRO

A REGIÃO AVEIRENSE
A SUA HISTÓRIA ★ AS SUAS GENTES ★ OS SEUS PROBLEMAS

através de

PERGUNTAS & RESPOSTAS

ELEMENTOS COORDENADOS POR H. LEITÃO

RESPOSTAS

18 *Sei que existia a «Associação Dramática Aveirense», mas nada conheço a seu respeito. Pode esclarecer-me?*

O jornal de teatros «O Proscénio», no seu número de 30 de Maio de 1927, publicou uma entrevista, na qual AURÉLIO COSTA dizia:

«... E porque em Aveiro, e de há muito, se fazia sentir a falta de uma colectividade especialmente destinada a reunir aqueles que ao Teatro têm dado o melhor do seu esforço, meti ombros à empresa e fundei a que é presentemente *Associação Dramática de Aveiro*, e que era a minha maior aspiração.

Em meados de Junho do ano passado, ao conseguir o edifício apropriado, imediatamente me instalei e comecei a trabalhar no sentido de dar o maior desenvolvimento à nossa colectividade. Para essa difícil tarefa chamei algumas boas dedicações e assim se constituiu a que é ainda hoje a sua comissão instaladora e que ficou composta de Pompeu Alvarenga (presidente), Abel Costa (secretário), António Campos (tesoureiro), Valentim Martinho (vogal), António Lé (director musical), e eu (director artístico e ensaiador).

Um mês depois, a 18 e 19 de Julho, realizava a nossa *Associação* as suas primeiras récitas com a notável peça policial francesa *O Rei dos Gatunos*. Na distribuição da peça, entre outros, D. Maria Cândida Ferreira, no papel de *Sonia*; António Campos, no de *Guerchard*; Abel Costa, no de *Charoais pai*; e eu, no de *Duque de Charmerace* (Arsène Lupin).

Esta peça foi montada com a maior propriedade, tendo-se até adquirido em Lisboa, e por compra, o cenário expressamente pintado para ela.

A Associação Dramática Aveirense realizou já na sua sede, e num curto prazo, quatro animadas *soirées*. Aqui se tem feito boa música, como também ainda há pouco teve lugar uma brilhante conferência de Arte pelo ilustre jornalista portuense Juliano Ribeiro, tendo a ela presidido o Ex.mo Governador Civil. E outras festas de Arte pensamos realizar.

E porque, para manter uma colectividade desta natureza é assunto bem mais difícil do que muita gente julga — pois a adaptação da casa, compra de mobiliário, etc. absorvem avultadas quantias —, temos lutado com algumas dificuldades, as quais, felizmente têm sido vencidas, pois temos muitas e desinteressadas dedicações.

— E de futuro o que pensa fazer com o seu magnífico conjunto artístico?

— Presentememte estou a ensaiar uma interessante comédia em 3 actos *Alegrias do Lar*, para espectáculos que se realizarão ainda este mês. Com o primeiro destes far-se-á a inauguração oficial da Associação. A distribuição da peça está confiada a Abel Costa, António Campos, António Ferreira, Mário Teles, José Simão, e às senhoras D. Conceição de Matos, D. Laura Mendonça e D. Irene Santos.

Estou verdadeiramente satisfeito com a gente que me cerca e que, sem vaidade o afirmo, forma um conjunto que honrará Aveiro em qualquer parte onde se apresente.»

R.

19 *A que razões históricas se deve a presença do «Colar da Torre e Espada» nas armas da cidade de Aveiro?*

A cidade de Aveiro, histórica por tantos feitos e bela por tantos motivos, mereceu do Governo, em 1919, a honrosa distinção do grau de oficial da Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, pelo denodado e estrénuo empenho e valentia com que defendeu as instituições a quando da sublevação monárquica de 19 de Janeiro.

> *Tendo a cidade de Aveiro, e as vilas de Chaves e Mirandela, pela tenaz resistência da sua reduzida guarnição, marcado brilhante lugar na defesa das instituições republicanas, por ocasião do último movimento monárquico: hei por bem decretar, sob proposta do Ministro da Guerra e nos termos da alínea g) do art. 2.º do Decreto n.º 5 030, de 1 de Dezembro de 1918, modificado pelo Decreto n.º 5 246, de 8 do corrente mês, o seguinte:*
>
> *Artigo único. É conferido à cidade de Aveiro e às vilas de Chaves e Mirandela o grau de oficial da Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito.*
>
> *O Ministro da Guerra o faça publicar.*
>
> *Paços do Governo da República, 15 de Março de 1919.* — **João do Canto e Castro da Silva Antunes — António Maria de Freitas Soares.**

A Câmara Municipal de Braga tomou a iniciativa de oferecer à cidade de Aveiro as insígnias da Torre e Espada, para o que aqui enviou, como seus representantes os srs. José Leão, Ferreira da Silva, Domingos Braga e Raul Barbosa.

A entrega, feita no dia 19 de Outubro de 1919, com toda a solenidade, teve a assistência dos ministros da Guerra e da Marinha, Helder Ribeiro e Rocha e Cunha.

Continua na página 3

da ARTE CONTEMPORÂNEA

Continuação da primeira página

do cerebral, enfim do abstracto.

Desde Cézanne até aos nossos dias que esta evolução se tem processado, ora em arranques individuais, ora em movimento de escola, ora ordenados ora anárquicos, mas em que a mensagem humana é sempre o seu fundo principal. Será conveniente lembrar que os idolatrados de hoje eram os desconhecidos e os postos à margem de então, e será bom não esquecer que essa mensagem humana esteve sempre como alavanca, como força motriz fundamental de todos esses movimentos.

A fuga do humano em Arte não é verdadeira; se bem que muitos se tenham apressado a dizer que a ausência da figura humana nos quadros dos artistas contemporâneos era uma prova dessa fuga, a verdade é que mais do que nunca o artista se mostrou tal qual é, sem panejamentos desnecessários ou roupagens ricas que empobrecem, nunca o artista se mostrou tão ele e tão humano, como nas obras da Arte Contemporânea.

Disse Jean Cassou: «Le signe a remplacé l'objet». Será ocasião para dizermos que a alma e o espírito substituiram a anatomia.

E' nossa intenção falarmos hoje do FAUVISMO.

Depois, um estudo dos movimentos que se lhe seguem: o *Cubismo*, o *Futurismo*, o *Expressionismo*, o *Constrtutivismo* e o *Suprematismo*, a *Arte Metafísica*, o *Dadaísmo* e o *Surrealismo*, os *Naifs*, a *Arte Não-figurativa*.

Escusado será dizer-se que estes estudos serão subordinados ao desejo que temos de divulgar, de tornar conhecidos dos leitores esses movimentos e, portanto, condicionados por esse mesmo desejo, teremos de usar uma linguagem em que o *jargon* jornalístico de especialistas será forçosamente eliminado. Com um carácter de divulgação, ir-se-á publicando uma série de artigos, que estarão bem longe de constituir ensaios ou estudos. Obra de divulgação. Nada mais.

FAUVISMO

«Le peintre n'a plus a se préocuper de détails mesquins. Le photographie le fait beancoup mieux et plus vite».

Matisse

Fortemente emotivos, dum sensualismo gritante, dum inconformismo a toda a prova, os FAUVES constituiram o primeiro movimento consciente e determinado do que se chama vulgarmente ARTE MODERNA.

Quando *Matisse* pronunciou a proposição «en regardant un tableau il faut oublier ce qu'il représente» estabeleceu um princípio de aplicação quase geral a todas as correntes artísticas do nosso século; e se é certo que quando o disse se referia ao grupo que chefiava, ele já possuia uma noção certa, correcta, duma das principais dominantes desta nova era das artes.

A partir de 1905, os *Fauves* deslocam (é o termo) o centro de gravidade da pintura ocidental: *o assunto cede o lugar à interpretação subjectiva*. Sabemos que muito ficaram a dever a *Cézanne*, alguma coisa a *Van Gogh*, e muitíssimo a *Gauguin* mas são eles que primeiro têm a coragem de defender tal posição. Para isso muito contribuiram os seus companheiros da Alemanha, os do grupo de DIE BRUCKE. Paris e Dresde depõem o *Luminismo* e o *Academismo* dominantes pela acção dos novos artistas e é assim que nós vemos o aparecer de obras em que o assunto pictural substitui o facto real.

Reclama-se uma liberdade plena para a criação plástica, e, assim, os *Fauves*, quer latinos, germânicos, escandinavos, ou eslavos, pintam segundo o seu sentir instintivo da vida. Esse sentir reproduz-se numa limpidez, numa clareza, numa força e numa grandeza que depressa substituem a luz vibrante de instantâneo dos impressionistas.

Em antagonismo perfeito com os cubistas, que tinham construido um sistema rigoroso e dogmático de composição, os *Fauves*, sensuais e líricos, abandonam a razão, e põem-se a construir uma Natureza muito deles.

Descobre-se a linha rítmica, o contorno que recorta, os tons homogéneos que são forma e luz simultâneamente. As cores da sua paleta reduzem-se aos tons puros do verde, do laranja, do azul, do vermelho tijolo e do violeta. Exploram a harmonia dos contrastes e o ritmo, e a composição cromática relega para segundo plano a perspectiva e o modelado.

Pretendem realizar em cada quadro uma perfeita sinfonia de cores, não fugindo, para tanto, a ousadias cromáticas, como seja a de pintar uma face de vermelho, desde que o equilíbrio de composição o exija.

O arabesco fauvista é duma grande maleabilidade de escrita e independente da cor; e esta, por sua vez, ultrapassa o contorno. Com Dufy, estas características são norma, e, nos seus quadros, a cor é quase alheia à forma do arabesco. «L'art n'est pas une pensée, c'est un fait. Pour le peintre, la solution de son problème est dans sa boite de couleurs» — explica-nos o grande pintor.

Para melhor podermos compreender os *Fauves* será conveniente lembrar uma frase de *Matisse*, que bem revela o espírito desta corrente artística: «Não somos os senhores e donos da nossa criação; esta é-nos imposta, simplesmente».

Essencialmente decorativa e simbolista, a pintura fauvista apresenta-se-nos com poucas pretensões de ordem moral, social ou filosófica; pretende ser espontânea, livre. Poucas correntes da Arte Moderna terão obras duma tão grande riqueza de colorido. É, efectivamente, esta uma das características mais particularizantes desta escola.

Até à Primeira Grande Guerra Mundial, o *Fauvismo* matêm-se com altos e baixos. Por volta de 1907-1908, começa a sofrer os primeiros ataques do movimento que dele próprio nasceu: o CUBISMO. Mas este novo assunto fica para o próximo.

Para já, quer-me parecer ter dito o bastante para que se possa distinguir esta escola, que tão grande importância teve na sequência da Revolução da Arte Moderna.

Gaspar Albino

DOIS FIDALGOS CAVALEIROS AVEIRENSES

pelo Dr. JOÃO FERNANDES

TENHO presentes dois documentos, que um ilustre amigo teve a amabilidade de oferecer-me, pelos quais o Príncipe Regente, futuro D. João VI, nomeou fidalgos cavaleiros da Casa Real os aveirenses José Maria Rangel de Quadros e Queiroz e João Rangel de Quadros Queiroz, filhos de José Luiz Rangel e Mascarenhas de Quadros.

São ambos datados de 29 de Novembro de 1802 e assinados pelo Príncipe e pelo Visconde de Balsemão — e deles consta terem sido registados no «Livro de Registos das Leis e Provizoens e mais Ordens Regias» da Câmara Municipal de Aveiro, em 8 de Fevereiro de 1803.

Diz assim o primeiro:

«Eu o Príncipe Regente: Faço saber a vos Luiz Pinto de Sousa Coutinho, Visconde de Balsemão, do Meu Conselho de Estado, e Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Reino, e que servis de Meu Mordomo Mor: Que atendendo ao que me reprezentou Jose Maria Rangel de Quadros e Queiroz, Capitão de Cavalaria de Bragança, Natural de Aveiro, filho de Jose Luiz Rangel e Mascarenhas de Quadros, ser descendente de familias bem coalificadas em Nobreza, e athe condecoradas com Filhamentos antigos, posto que prezentemente interrompidos por omição de seus Imediatos e Avós Paternos, o que tudo fez certo por documentos legaes; em consideração do que, e pelos relevantes serviços que a Minha Real Coroa fes seu Tio Antonio Mourão de Miranda, Fidalgo de Minha Casa, obrados athe o posto de Coronel de Infantaria nos Estados das Indias; Hey por bem, e por graça especial, que jamais servirá de exemplo, remonerar-lhe todos os referidos serviços com o tomar por Fidalgo de Minha Real Casa com mil e seis centos reis de Moradia por mez de Fidalgo Cavaleiro, e hum alqueire de cevada por dia, pago segundo a ordenança, e hé a Moradia ordinaria. Lisboa vinte e nove de Novembro de mil oito centos e dois. = Principe. O Visconde de Balsemão».

O segundo documento é muito semelhante a este, pelo que não vale a pena reproduzi-lo aqui. Bastará salientar que o agraciado João Rangel de Quadros Queiroz era, ao tempo, Tenente de Cavalaria de Chaves.

Na impossibilidade, em que presentemente me encontro, de apurar os «relevantes serviços» prestados pelos dois militares aveirenses, limito-me, por agora, a esta rápida notícia das distinções que lhes foram concedidas.